

PRÁTICAS CULTURAIS: A PALAVRA, O TEXTO E O CONTEXTO NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

PRÁCTICAS CULTURALES: LA PALABRA, EL TEXTO Y EL CONTEXTO EN EL PROCESO DE LA ALFABETIZACIÓN

CULTURAL PRACTICES: THE WORD, THE TEXT AND THE CONTEXT IN THE LITERACY PROCESS

DOI: <https://doi.org/10.9771/gmed.v16i2.62833>

Maria Angélica Cardoso¹

Viviane Gregório Barbosa de Campos²

Resumo: O objeto deste artigo são as práticas culturais, objetivando analisar como elas fundamentariam o processo de alfabetização. Seguiu-se os princípios da Ciência da História, sob as categorias universal e singular, organização do trabalho didático e práticas culturais, fundamentando-se em Vigotsky (2009), Franco e Martins (2021), Alves (2003, 2005, 2019) e Lukacs (2005). Acreditamos que nas práticas culturais está o cerne para uma nova organização do trabalho didático que não exclua ninguém “da possibilidade de se extasiar com a música clássica, com as obras de artes plásticas, com a dança, com o teatro e demais práticas culturais que remetem a todos os períodos da história”.

Palavras-chave: Trabalho didático. Práticas culturais. Alfabetização. Observação de aves. Música e dança.

Resumen: El objetivo de este artículo son las prácticas culturales, objetivando como ellas fundamentarían el proceso de la alfabetización. Seguíó los principios de la ciencia de la historia, según las categorías universal y singular, organización del trabajo didáctico y las prácticas culturales, fundamentándose en Vigotsky (2009), Franco y Martins (2021), Alves (2003, 2005, 2019) y Lukacs (2005). Creemos que está en las prácticas culturales el centro de una nueva organización de lo trabajo didáctico que no va excluir a nadie "de la posibilidad de estar extasiado con la musica clásica, con los hechos de las artes plásticas, con el danzas, con el teatro y además prácticas culturales que remiten a todos los periodos de la historia.

Palabras claves: trabajo didáctico. Prácticas culturales. Alfabetización. Observación de pasaros. Música y danza.

Abstract: The object of this article is cultural practices, objectively analyzing how they substantiate the literacy process. The principles of the Science of History were followed, under the universal and singular categories, organization of didactic work and cultural practices, based on Vigotsky (2009), Franco and Martins (2021), Alves (2003, 2005, 2019) and Lukács (2005). We believe that within cultural practices are the core for a new organization of didactic work that does not exclude anyone “from the possibility of being ecstatic with classical music, works of plastic arts, dance, theater and other cultural practices that refer to to all periods of history.”

Keywords: Didactic work. Cultural Practices. Literacy. Birdwatching. Music and dance.

Introdução

O artigo apresentado é fruto de uma pesquisa de pós-doutoramento desenvolvida em uma escola da rede pública municipal de Campo Grande, no período de agosto de 2020 a dezembro de 2021, abrangendo os cinco anos iniciais do Ensino Fundamental. A investigação tomou por objeto as práticas culturais, problematizando como essas práticas poderiam “alimentar” o trabalho didático. Para tanto, definiu-se o objetivo de analisar como elas fundamentariam a organização do trabalho didático.

O trabalho teve início com um encontro ocorrido com os professores de todas as turmas – 1º ao 5º ano, dos dois períodos, matutino e vespertino. Este encontro objetivou dirimir dúvidas acerca da pesquisa e estabelecer as ações necessárias à sua execução. Os encontros seguintes ocorreram por turmas, ou seja, com os docentes de cada ano/série, semanalmente, com o objetivo de realizar leituras, discuti-las e elaborar os planejamentos, conforme exposto no quadro 1.

Quadro 1: Organização dos Encontros para Estudos e Planejamento

Turma	Prática Cultural	Horário	
1º ano A	Observação de Aves	2ª feira	10 às 11h
1º ano B			16 às 17h
2º ano A	Música e Dança	3ª feira	10 às 11h
2º ano B			16 às 17h
3º ano A	Festas Populares	4ª feira	10 às 11h
3º ano B e C			16 às 17h
4º ano A e B	Artesanato	6ª feira	10 às 11h
4º ano C			16 às 17h
5º ano A e B	Poesia de Manoel de Barros	5ª feira	10 às 11h
5º ano C			16 às 17h

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Apresentando os sujeitos: participaram, de cada turma, as pedagogas – responsáveis pelas disciplinas de Língua Portuguesa, Matemática, Geografia e História, as/os professoras/es de Ciências, de Artes e de Educação Física, as coordenadoras, diretora, diretor-adjunto e as crianças.

Para este artigo, apresentaremos os trabalhos desenvolvidos no processo de alfabetização ocorrido nas turmas do 1º e do 2º ano, a partir das práticas culturais observação de aves, música e dança.

A metodologia de pesquisa seguiu os princípios da Ciência da História, analisando os dados a partir das categorias universal e singular, organização do trabalho didático e práticas culturais.

Quanto ao universal e singular, Alves (2003, p. 28) afirma que

[...] a investigação científica deve gerar conhecimentos que evidenciem: a) a unidade cultural predominante entre os povos que vivem sob a égide do modo de produção capitalista, ele próprio a acabada expressão do universal, pois submeteu, sem exceção, as nações de todos os quadrantes do planeta; b) assim como as especificidades das diferentes nações e regiões. Essas especificidades, contudo, subordinam-se à unidade cultural, pois o singular é sempre uma forma de realização do universal. [...] O singular é a manifestação, no espaço convencional, de como leis gerais do universal operam dando-lhe uma configuração específica. Universal e singular, nessa perspectiva, são indissociáveis.

Nesse sentido toma-se a escola pública com seus conhecimentos e suas práticas como uma singularidade contida no universal “pois o singular é sempre uma forma de realização do universal” (ALVES, 2003, p. 28). Nela se organiza o trabalho didático que

No plano mais genérico e abstrato, qualquer forma histórica de organização do trabalho didático envolve, sistematicamente, três aspectos:

- a) ela é, sempre, uma relação educativa que coloca, frente a frente, uma forma histórica de educador, de um lado, e uma forma histórica de educando(s), de outro;
- b) realiza-se com a mediação de recursos didáticos, envolvendo os procedimentos técnico-pedagógicos do educador, as tecnologias educacionais pertinentes e os conteúdos programados para servir ao processo de transmissão do conhecimento,
- c) e implica um espaço físico com características peculiares, onde ocorre (ALVES, 2005, p. 10-11).

“Como categoria analítica, a organização do trabalho didático começou a tomar forma no final da década de 1990”, afirma Alves (2012, p. 170), mas foi em 2005 que foi cunhada e tornada pública. Em 2012, o autor amplia o conceito de organização do trabalho didático incluindo nele o aparato administrativo: “[...] entre os elementos da organização do trabalho didático, acrescenta-se que também o aparato de apoio administrativo produzido pela escola moderna tornou-se indispensável à realização de sua forma histórica radicada em Comênio” (ALVES, 2012, p. 170).

Ao estudar a educação pública ao longo dos tempos, percebemos que seu progresso foi tímido, ocorrendo muito lentamente, inclusive na atualidade. No entanto, a sociedade atual está a exigir mudanças. Conforme Alves (2001, p. 256) “a produção de uma nova forma de organização do trabalho didático exige a incorporação de outros recursos tecnológicos que não o manual didático.” O autor alerta sobre a “necessidade de uma organização do trabalho didático compatível com as necessidades e os recursos contemporâneos, cujo coroamento se daria com a produção de uma nova didática”.

Sobre cultura, Lukacs (2005, p. 1) afirma que “a velha cultura era, então, a cultura das classes dominantes. Só as classes dominantes estavam em condições de pôr a serviço da cultura suas atividades dotadas de valor, desvinculadas de toda preocupação com o sustento imediato” e contrapõe a ela a nova cultura. A nova cultura surge das mudanças ocorridas a partir da tomada de consciência da classe dos trabalhadores e

[...] significa o domínio interno do homem sobre as circunstâncias, assim como a civilização é seu domínio exterior. Da mesma maneira que a civilização criou os meios do domínio sobre as circunstâncias naturais, agora a cultura proletária cria os meios de domínio sobre as circunstâncias sociais (LUKACS, 2005, p. 2).

A partir do conceito de nova cultura podemos considerar que tudo que a humanidade produz é cultura. Entendendo-se a cultura como expressão do movimento social em uma sociedade capitalista composta pela classe burguesa e pela trabalhadora, portanto produz a cultura burguesa e a cultura dos trabalhadores, sem que uma negue a outra (ALVES, 2019). Contudo, Alves (2019, p. 7) alerta: há “uma recorrente falta de rigor no emprego do termo cultura” sempre reduzido a produtos eruditos, às festas e danças populares, à cozinha, ao artesanato. O autor admite que esses elementos constituem cultura, mas são captados apenas como coisas.

Conforme Alves (2019, p. 6), na sociedade capitalista todos os produtos culturais e os seus respectivos processos de produção só ganham significado no interior do processo mais geral de produção do capital. Acrescenta-se que as práticas culturais podem ser decompostas em seus elementos de natureza material (instrumentos) e de natureza espiritual ou simbólica (ideias e crenças). Ao mesmo tempo, elas realizam funções precisas determinadas pelas relações sociais. Só pela apreensão articulada desses três aspectos ganham inteligibilidade os modos de fazer, de sentir e de ser do homem no tempo e no espaço.

Outra questão levantada por Alves (2019, p. 9) refere-se à vulgarização do conhecimento, diz ele:

[...] a riqueza do patrimônio cultural da humanidade, sempre foi sistematicamente negada aos operários e seus filhos, inclusive dentro das escolas. Na educação escolar vêm sendo difundidas, tão somente, formas vulgarizadas do conhecimento pela mediação do manual didático.

Nesse sentido, é esclarecedor o texto de Marx e Engels (1983, p. 28):

[...] Se as circunstâncias em que [o] indivíduo evolui só lhe permitem um desenvolvimento unilateral, de uma qualidade em detrimento de outras, se estas circunstâncias apenas lhe fornecem os elementos materiais e o tempo propícios ao desenvolvimento dessa única qualidade, este indivíduo só conseguirá alcançar um desenvolvimento unilateral e mutilado.

No entanto, conforme Pullman (2015) a criança precisa de cultura como precisa de alimento. Para ele

As crianças precisam de arte, histórias, poemas e música tanto quanto precisam de amor, comida, ar puro e brincar. Se você não der comida a uma criança, o dano se torna rapidamente visível. Se você não deixar uma criança tomar ar fresco e brincar, o dano também será visível, mas não tão rapidamente. Se você não der amor a uma criança, o dano pode não ser visto por alguns anos, mas é permanente.

Mas se você não der a uma criança arte, histórias, poemas e música, o dano não será tão fácil de ver. Mas está lá. Seus corpos são saudáveis o suficiente; podem correr, pular, nadar, comer com fome e fazer muito barulho, como as crianças sempre fazem, mas falta alguma coisa (PULLMAN, 2015, s/p).

A cultura se expressa por meio de práticas. Por práticas culturais entendemos, conforme Alves (2019), o conjunto de ações que materializam os elementos de natureza material e de natureza espiritual ou simbólica, revelando instrumentos, ideias e crenças de uma sociedade, tais como artes plásticas, artesanato, observação de pássaros, festas populares, música, dança, poesia dentre tantas outras práticas.

Nesse contexto, as duas questões que norteiam este recorte voltam com mais força: como as práticas culturais podem fundamentar a organização do trabalho didático? Como incorporar novos recursos de modo a despertar o interesse da criança e do adolescente pelo conhecimento? Para começar, acreditamos que nas práticas culturais pode estar o cerne para uma nova proposta de organização do trabalho didático que, incorporando outros recursos tecnológicos, possa inovar a prática pedagógica, ela própria uma prática cultural.

Quanto à organização do trabalho didático nos dois primeiros anos do Ensino Fundamental, temos o foco do processo de ensino voltado para a fase inicial da alfabetização, portanto todos os componentes curriculares devem convergir nesta direção, sem, contudo, negligenciar nenhum deles.

Assim, nas turmas do 1º ano a observação de aves foi a prática cultural que disparou o planejamento em todas as disciplinas. A partir da observação de aves, que ocorreu na praça em frente à escola, foram pensados todos os conteúdos previstos para a primeira turma do Ensino Fundamental.

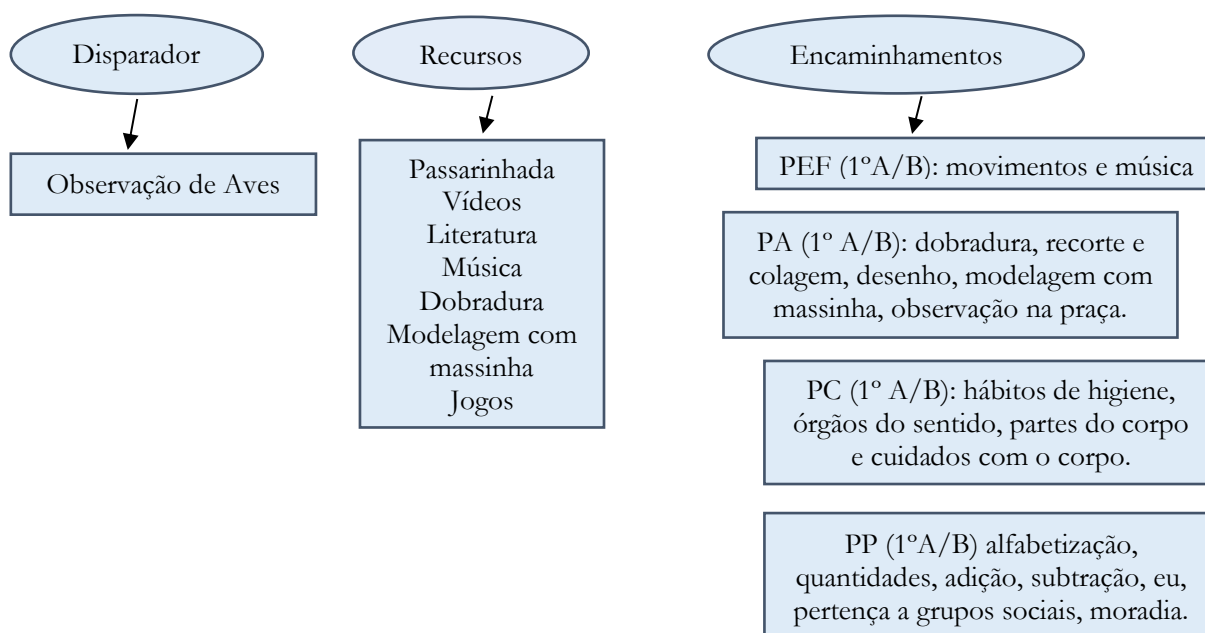
No 2º ano, o Pantanal e sua história foram conhecidos pelo prisma das práticas culturais – artes plásticas, poesia, contos, documentários, vídeos, música e dança entraram em sala para ensinar Língua Portuguesa, Matemática, História, Geografia, Ciências, Artes e Educação Física.

Retomamos Alves (2019), ao considerar que a riqueza do patrimônio cultural da humanidade é negada aos operários e seus filhos, inclusive dentro das escolas, bem como Pullman (2015) ao afirmar que

a criança precisa de cultura como precisa de alimento para, nesse sentido, pensarmos as ações desenvolvidas nas turmas do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental. Neste artigo, apresentamos onde a palavra e o texto podem nos levar, a partir do contexto das práticas culturais, nas turmas do 1º e do 2º ano.

Galinha é passarinho? Onde a palavra pode nos levar?

Nas duas turmas do 1º ano, as reuniões de estudo e planejamento contaram com dois professores de Educação Física, uma professora de Ciências que lecionava nas duas turmas, dois professores de Artes, duas pedagogas e a coordenadora. Demos início ao planejamento: como trabalharíamos a observação de aves de forma que esta prática cultural fosse o elemento fundante para a organização do trabalho didático? Para tanto, utilizamos o esquema de planejamento já utilizado pelos professores da Escola Municipal (EM), qual seja:



Antes de irmos para as práticas pedagógicas, cabe um esclarecimento: o termo disparador é usado pelos docentes da EM como sinônimo de ponto de partida para uma ação intencional e consistente, ou seja, indica o ponto principal a partir do qual o trabalho didático se desenvolverá. Contudo, isto não quer dizer que este será o único elemento a ser utilizado no processo de ensino e de aprendizagem.

A prática pedagógica teve início com as crianças na praça em frente à escola. Os professores de Artes, após caminhar com as crianças, observando as árvores da praça levou-as para a calçada onde experimentaram as diversas texturas do piso e escolheram sobre qual textura gostariam de desenhar a árvore que mais chamou-lhes a atenção. Elas poderiam usar também os elementos que estavam à sua volta como pedrinhas, folhas caídas e pequenos galhos. Em sala de aula, outras atividades foram exploradas como recorte, colagem, dobradura e modelagem com massinha.

A Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP) considera importante a brincadeira ao ar livre para as crianças. Nesse sentido, ela lançou o *Manual de Orientação: Benefícios da Natureza no Desenvolvimento de Crianças e Adolescentes* (2019) com orientações para pais, educadores e pediatras.

Considerando que há, entre nós, a necessidade de se guiar pelas ações históricas realizadas pelo conjunto dos homens, tem-se que a natureza é uma natureza modificada historicamente; é uma segunda natureza. Ela já não existe mais em estado original, foi modificada ou está na organização dos homens, por exemplo, as matas: Derrubar ou preservar? Transformar ou conservar? A natureza – árvores, matas, praças, a vida vegetal e animal, rios, riachos, etc – é o mundo de objetos humanos criados socialmente pelo conjunto dos homens: “o mundo que nós conhecemos é um mundo que resultou da atividade coletiva e individual, é um mundo dos objetos humanos” (HOFF, 2002, p. 20). Este mundo não é um objeto neutro para nós, a questão é compreender quem se apodera dele. É preciso entender o domínio do capital sobre o trabalho e os seus motivos. No entanto, as árvores, os parques, as praças, as matas, as aves, os animais de forma geral estão aí, em segunda natureza, para o proveito e o conhecimento de toda sociedade.

Nesse sentido, a SBP (2019) chama a atenção. Às páginas 2 e 3 apontam os diversos fatores “responsáveis pelo contexto de confinamento ao qual todos estamos sujeitos: dinâmica familiar, planejamento urbano, mobilidade, uso de eletrônicos, consumismo, desenvolvimento econômico, desigualdade social, insegurança, violência, conservação da natureza e educação. Dentre os alertas postos pela SBP destacamos o contexto da intoxicação digital que afeta cada vez mais crianças, adolescentes e adultos:

Tanto crianças e adolescentes quanto seus responsáveis passam boa parte do tempo imersos no mundo digital, em exposição crescente a publicidade e conteúdos tóxicos, violentos ou inadequados, o que produz efeitos impressionantes na convivência e na saúde física e mental, além da perda de contato com o mundo real e com as relações presenciais, gerando maior propensão ao sedentarismo, à obesidade e suas consequências (SBP, 2019, p. 3).

Quanto à educação, afirmam que “enfrentamos inúmeros desafios no sentido de oferecer uma experiência significativa e valiosa para o aluno” (SBP, 2019, p. 3). Para os autores, faz-se necessário

[...] refletirmos e requalificarmos as práticas, a organização, as rotinas e o tempo escolar, reconhecendo o brincar e o aprender com a - e na - natureza como um dos elementos centrais de uma educação vinculada com a própria vida. Brincar na areia, subir em árvores, construir cabanas e encontrar os amigos ao ar livre são experiências importantes que permitem estabelecer conexões positivas com a vida e com o outro (SBP, 2019, p. 3).

A SBP (2019) alerta para a necessidade de atividades e brincadeiras ao ar livre, em contato com e na natureza e revelam os benefícios, demonstrados em pesquisas, que esta conexão pode trazer para as crianças e os adolescentes. Além dos muitos benefícios à saúde física e mental, diminuindo o número de visitas médicas, relatam:

[...] O contato com a natureza ajuda também a fomentar a criatividade, a iniciativa, a autoconfiança, a capacidade de escolha, de tomar decisões e resolver problemas, o que por sua vez contribui para o desenvolvimento de múltiplas linguagens e a melhora da coordenação psicomotora. Isso sem falar nos benefícios mais ligados ao campo da ética e da sensibilidade, como encantamento, empatia, humildade e senso de pertencimento (SBP, 2019, p. 5).

Considerando que muitas crianças e adolescentes, hoje, passam a maior parte do dia em instituições escolares; que só terão acesso a esses momentos na escola; que a boa saúde física e mental é essencial para o desenvolvimento; e, ainda, que “é preciso agir para evitar o empobrecimento do repertório de experiências que [crianças e adolescentes] podem (e devem) vivenciar (SBP, 2019, p. 3) é que aliamos à Pedagogia Histórico Crítica (PHC) e à Psicologia Histórico Cultural (PHC) o referencial apresentado pela SBP, uma vez que as duas abordagens defendem que:

A educação, enquanto fenômeno, se apresenta como uma comunicação entre pessoas livres em graus diferentes de maturação humana, numa situação histórica determinada. Por isso se define como papel das instituições educacionais: ordenar e sistematizar as relações homem-meio para criar as condições ótimas de desenvolvimento das novas gerações, cuja ação e participação permita a continuidade e a sobrevivência da cultura e, em última instância, do próprio homem. Portanto, o sentido da educação, a sua finalidade, é o próprio homem, quer dizer, a sua promoção (SAVIANI, 1980, p. 51).

Voltando à praça, na segunda ida o objetivo foi observar as aves. As crianças foram acompanhadas pela professora de Ciências, pela professora pesquisadora e por uma auxiliar de turma, nos dois turnos. A atividade despertou o interesse das crianças que questionaram, comentaram, reconheceram algumas aves e observaram.

No primeiro momento a pesquisadora localizou duas asas-brancas, espécie de pomba, em uma árvore e direcionou a observação, usando o binóculo, uma criança de cada vez, mostrando como usar o instrumento. No segundo momento, cada criança deveria procurar um pássaro, com o binóculo ou a olho nu (Figura 1).

Figura 1: Procurando passarinhos.



Fonte: Acervo de Maria Angélica Cardoso.

Um tucano sendo atacado por quatro aves pequenas chamou a atenção. O aluno Bi disse que sabia o porquê e explicou aos colegas: “meu avô disse que o tucano come os filhotes dos passarinhos. Aí quando ele chega perto do ninho, o papai e a mamãe atacam ele para proteger seus filhotes.”

Os professores de Educação Física trabalharam com a música do Grupo Acaba (2010), *Pássaro Branco* e *Um bem-te-vi* (DE CAMILLO, 2011) Ouvindo as músicas, as crianças imitaram os movimentos dos pássaros, ensaiaram passos de danças regionais, atendendo à algumas das habilidades propostas no

Referencial Curricular, tais como dança do contexto comunitário e regional; brincadeiras cantadas; brincadeiras e jogos da cultura popular e conhecimentos e habilidades relativos aos “[...] conhecimentos sobre o corpo; orientação espaço-temporal e a lateralidade; coordenação motora; [...]” (CAMPO GRANDE, 2020).

Parafraseando Carlos Drumond de Andrade: no meio do caminho tinha um formigueiro, tinha um formigueiro no meio do caminho. Além de explorar texturas, observar árvores e aves, na praça havia um formigueiro, cujas moradoras trabalhavam exaustivamente. Este e outros fatos ocorridos durante a observação de aves foram devidamente explorados tanto pelas pedagogas quanto pelos professores de Educação Física, Artes e Ciências. Por exemplo, da casinha do João-de-Barro a pedagoga chegou às moradias dos seres humanos, ao trabalho dispendido na construção, explorando, a Língua Portuguesa, a Matemática, a História e a Geografia.

Trabalhando de forma interdisciplinar os/as sete professores/as utilizaram jogos, brincadeiras, literatura dentre outros recursos para trabalhar representação social e espacial, explorando o convívio nos diversos momentos vivenciados na escola. Alguns jogos foram planejados e confeccionados pelas crianças, desenvolvendo normas de convivência tanto quanto as regras do jogo, como foi o caso de uma trilha elaborada a partir da leitura do livro *Mil Pássaros pelo Céu* (RUTH ROCHA s/d). No contexto da observação de aves, uma prática cultural, os professores trabalharam coletivamente os conteúdos prescritos para as sete disciplinas propostas para o 1º ano do Ensino Fundamental.

Considerando que no 1º ano o foco do processo de ensino é a alfabetização, portanto todos os componentes curriculares devem convergir nesta direção, sem, contudo, negligenciar nenhum componente, voltemos ao caso do tucano, a palavra que nos levou a muitos lugares.

Antes de as crianças saírem para observar aves na praça, ocorreu um diálogo sobre o tema – quais aves elas conheciam, o que sabiam sobre elas, se já observaram passarinhos, o que é passarinhar. O diálogo foi seguido da elaboração de uma lista das aves que elas conheciam, totalizando onze, em uma turma e sete em outra. Unindo as duas listas, 13 espécies conhecidas pelas duas turmas. Após a observação, nova lista foi realizada; esta das aves observadas, totalizando 16 e 15.

Cabe aqui uma ressalva. A elaboração da primeira lista foi pensada como um instrumento de avaliação diagnóstica, enquanto a segunda lista seguiu princípios da ciência cidadã. Conforme Mamede, Benites e Magnussen (2022, p. 154), “a ciência cidadã tem sido marcante para a expansão do conhecimento científico [...] e sua constituição é multidisciplinar [...]. Permite a participação ativa dos cidadãos em atividades científicas gerando experiência, compreensão e novos conhecimentos [...]” Mas, entender a listagem implica entender o que é passarinhar. Para Mamede, Benites e Magnussen (2022, p. 228), “passarinhar, ou seja, observar as aves livres, compreende vários formatos e intencionalidades cabíveis no turismo, na educação, na ciência e/ou na arte. [...] trata-se de uma prática cultural interessada em conhecer e interagir com determinados elementos do mundo vivo [...]” As passarinhadas apresentam como resultados “diversos registros de espécies de aves, na forma de documentação fotográfica e de listas de espécies, ambas disponibilizadas em plataformas colaborativas” (MAMEDE, BENITES, ALHO, 2017, p. 158). Existem várias plataformas, como TÁXEUS, Wikiaves e o eBird. Por exemplo, “os dados do eBird são disponibilizados

para observadores de aves, investigadores, conservacionistas e educadores em todo o mundo.” Estas informações foram passadas às crianças das duas turmas.

Assim, enquanto a primeira lista visou levantar os conhecimentos das crianças, a segunda visou o registro, tanto na forma de lista quanto de fotografias, para posterior publicização e utilização na elaboração de diversas atividades trabalhadas nas sete disciplinas das turmas do 1º ano.

Voltando às listas, unidas registraram 22 espécies. Daí foi realizada uma votação nas duas turmas, gerando um gráfico das aves preferidas. Dadas as circunstâncias durante a observação, o tucano foi o mais votado, assim, chegamos à palavra tucano. Mas onde esta palavra nos levou?

Primeiro, à produção coletiva, registrada na lousa, de um texto contando a história do tucano atacado pelos passarinhos. Neste aspecto, exploramos pouco. Poderíamos ter transcrito a história para um cartaz e mantido na parede da sala, realizado leituras, interpretação, elaborado jogos, enfim... voltemos à palavra que compunha um contexto que produziu um texto.

Para Vigotsky (2009, p. 398), “a palavra desprovida de significado não é uma palavra, é um som vazio. Logo, o significado é um traço constitutivo indispensável da palavra.” Pois bem, discutimos o significado da palavra tucano: significado, descrição do “objeto” representado pela palavra, outros significados da palavra. Neste aspecto surgiram os termos atucanar, atucanado e nariz de tucano. O debate foi quente com concordâncias e discordâncias, principalmente sobre o termo atucanar. Conforme a consulta ao dicionário, atucanar poderia ser “dar bicadas em” ou “causar transtornos, incomodar?”. Causar transtornos todos concordaram, pois o tucano incomoda os passarinhos, atacando seus ninhos; mas dar bicadas não poderia ser, pois quase todas as aves bicam, concluíram as crianças.

A professora de Ciências aproveitou a discussão para trabalhar as classes dos animais vertebrados, nomeando as cinco – mamíferos, répteis, anfíbios, peixes e aves. Destacou as aves e trabalhou as características, hábitos e habitats. A intervenção da professora levou a novos questionamentos: o tucano é maior, mas voa, ele é passarinho? E a galinha, é passarinho? Ela tem asas, bico, pena, é grande, mas não voa. Ou voa? Ela é um passarinho? O contexto da observação de aves levou-nos ao texto e às palavras ave e passarinho. Essa discussão desencadeou um novo trabalho, que não estava nos planos, mas não se deve deixar uma criança curiosa sem uma resposta. Assim, no dia seguinte, algumas dessas ordens (figura 2) foram apresentadas às crianças do 1º ano do Ensino Fundamental.

Figura 2: Ordem das Aves.



Fonte: Arquivos de Maria Angélica Cardoso.

Na classe das aves encontram-se de 25 a 30 ordens. O destaque foi dado às ordens dos galliformes e passeriformes contudo, não se colocou a figura de uma galinha, mas as crianças deveriam procurar ordem a que ela pertence. Outras ordens chamaram a atenção como a ordem dos psittaciformes (periquitos, papagaios, araras), tanto que, dias depois, uma mãe contou-nos que não podia mais chamar os periquitos de passarinho que logo era “corrigida” pelo filho: não é passarinho, mãe! É psitacídeo!

Sabemos que “a criança para escrever necessita dos domínios fonéticos e semânticos da língua, conseqüentemente, a organização do ensino necessita, de partida, dispensar atenção às dimensões fonéticas e semânticas da palavra [...] até porque, não existe palavra sem significado” (FRANCO; MARTINS, 2021, p. 112). Assim, para a alfabetização, na perspectiva histórico-crítica, trabalhar a semântica é condição essencial. Ao trabalhar nessa perspectiva podemos pensar o processo de aprendizagem da leitura e da escrita como um todo conexo uma vez que “é a multiplicidade de sentidos que a palavra pode adquirir numa comunicação verbal ou num texto o elo que poderá nos permitir trabalhar a dimensão crítica da alfabetização (COELHO, 2016, p. 79).

Conforme Franco e Martins (2021), a alfabetização como síntese de múltiplas determinações envolve o desenvolvimento do psiquismo, a compreensão de signos, a apropriação do ‘conceito de palavra’, bem como de suas faces fonética e semântica, dentre outras determinações.

Tivemos, até aqui, a palavra trabalhada em seu significado e sentido, ou seja, em sua face semântica. Concomitantemente a face fonética, bem como a forma e a escrita também foram trabalhadas.

Além do trabalho com as palavras, sílabas, famílias silábicas e pequenos textos, a lista elaborada para ser enviada à plataforma eBird foi matéria utilizada em diversas atividades, tais como: desenhos para colorir e nomear as aves, painel, caça-palavras (figura 3), jogo dos 7 erros (figura 4), jogo da memória (figura 5), dentre outras. No painel e no jogo da memória foram utilizadas tanto a letra de imprensa (bastão) quanto a cursiva. Embora as crianças iniciem o processo de alfabetização usando, preferencialmente, a letra bastão, a cursiva foi usada para efeitos de familiarização.

Figura 3: Caça-palavras

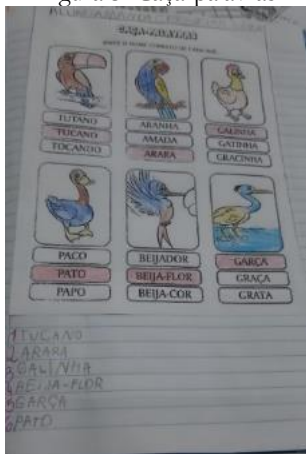


Figura 4: Jogo dos 7 erros



Figura 5: Jogo da Memória



Fonte: Arquivos de Maria Angélica Cardoso

Em relação aos métodos de alfabetização, sob a perspectiva histórico-crítica e cultural,

[...] depreende-se que o enfoque histórico-cultural para o ensino da escrita pressupõe a incorporação tanto do princípio geral do método analítico quanto do método sintético, porém, concebendo-os como opostos, não antagônicos, ou por outra, como momentos pontuais e específicos, mas que se intercambiam num processo que é único e dinâmico, qual seja, o ensino da linguagem escrita. (FRANCO; MARTINS, 2021, p. 156).

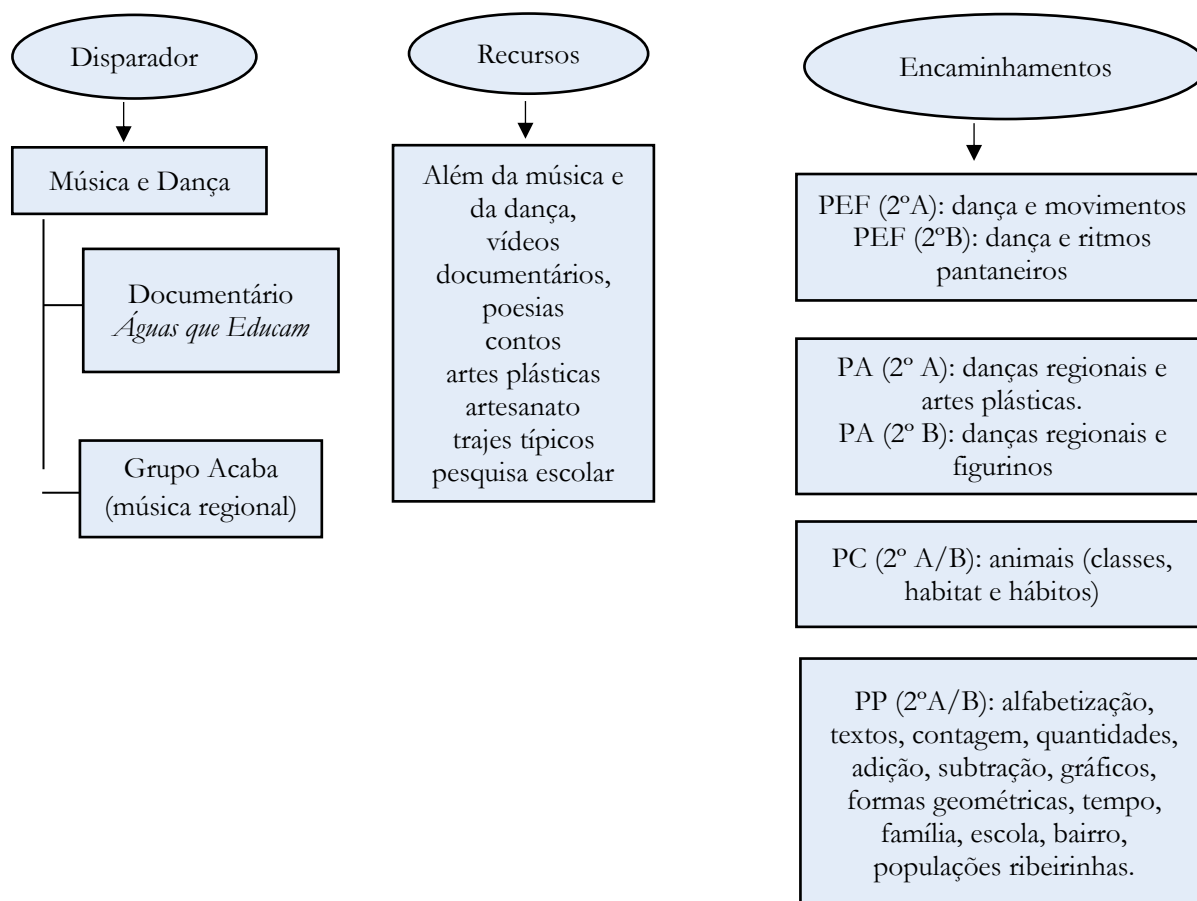
O caso do tucano é esclarecedor. Da observação da ave sendo atacada, elaborava-se um texto coletivo do qual se extraiu a palavra tucano que por sua vez é decomposta sílabas, letras, chegando às famílias silábicas – no nosso caso, das letras T, C e N (tucano); depois das letras V (ave); e G, L e NH (galinha) – bem como formação de novas palavras utilizando as famílias silábicas em questão e daí retornou-se a novas produções de texto. Assim, a observação de aves foi tomada como o todo, ou o contexto no qual foram trabalhadas, concomitantemente as faces fonética e semântica das palavras. Mas não parou aí, o processo continuou, no 2º ano...

O Pantanal pelo prisma da música, da dança e das artes plásticas: a alfabetização no 2º ano

As duas turmas conheceram o Pantanal e sua história pelo prisma da música e da dança. Contudo, outras práticas culturais como documentários, poesias, contos, artes plásticas e vídeos também entraram em sala de aula para o ensino de Língua Portuguesa, Matemática, História, Geografia, Ciências, Artes e Educação Física.

A partir da música e da dança, foram discutidos o tempo e a organização das turmas que, devido à pandemia, tinham aulas pelo sistema de rodízio, conforme mostra a figura 1, na Introdução. Os

professores já haviam participado dos encontros de estudos nos meses de junho e julho/2021, em um dos quais assistimos o documentário *Águas que Educam* (ALVES; FONSECA, 2016), o que levou a pedagoga a sugerir que partíssemos dele. Assim, cada professor, a partir das orientações e dos conteúdos programados pelo Referencial Curricular da SEMED/Campo Grande, começou a analisar e expor as possibilidades em sua área. Como já foi dito no item anterior, utilizamos o esquema de planejamento já utilizado pelos professores da escola municipal, qual seja:



Os encontros seguintes foram dedicados ao planejamento das aulas, leitura e debates afins. Optamos pela elaboração de uma sequência didática na qual trabalhou-se a partir de textos e palavras, sendo letras das músicas, contos, poesias e produção de textos; vídeos e documentários; peças de artesanato e obras de artes plásticas.

O documentário foi o primeiro recurso didático utilizado para dar início às atividades que levaram para dentro da sala de aula as práticas culturais como fundamento para a organização do trabalho didático e do processo de alfabetização.

Trata-se do documentário *Águas que educam: o pantanal e sua história na pintura sul-mato-grossense*. Cardoso, Alves e Matias (2023) relatam a trajetória do Projeto *Águas que Educam* até a criação do documentário. Este, em formato de vídeo, foi produzido pelo Instituto Cultural Gilberto Luiz Alves, no

ano de 2016, objetivando incorporar recursos tecnológicos, para além do manual [didático], à organização do trabalho didático” (CARDOSO, ALVES; MATIAS, 2023, p. 10).

Pessoa (2014, s/p) aponta que “uma única atividade pode mobilizar diferentes conhecimentos e estimular diferentes habilidades” o que facilita a aprendizagem, como foi dito por um dos alunos: “os professores ensinavam a mesma coisa de formas diferentes e assim eu aprendi muito mais.” Assim, o vídeo foi assistido por diversas vezes, atendendo aos objetivos propostos no planejamento das aulas.

As atividades iniciam com uma tarefa de casa: pesquisar sobre o Pantanal; as crianças deveriam trazer o que encontraram para apresentação oral ou imagens. Seguiu-se uma conversa sobre as informações trazidas e as imagens foram para um mural. Assistiram o vídeo documentário: *Águas que educam – O Pantanal e sua história na pintura sul-mato-grossense* (ALVES; FONSECA, 2016). Terminada a sessão, seguiu-se uma brincadeira do tipo forca, em que as crianças tinham que ditar uma letra até conseguirem acertar a palavra – pantanal – previamente selecionada pela professora. Seguiu-se o diálogo no qual elas expuseram e explicaram o que sentiram ao ver as imagens, ouvir a música, o que mais chamou sua atenção. Tudo foi registrado na lousa, com enfoque na alfabetização: primeiro a palavra pantanal, discutindo-se tanto sua face semântica quanto fonética. Outras palavras foram listadas, conforme as crianças iam recordando as cenas do documentário. Fechou-se a atividade com uma ilustração e um texto escrito pela criança, de forma voluntária.

Os professores de Educação Física usaram o documentário como referência para as atividades musicais. A pedagogia e os professores de Ciências e de Artes utilizaram partes do vídeo para:

- ✓ O primeiro item, o Pantanal e o Gênesis, foi utilizado para descrever oralmente as imagens, plantas e animais; escrita de seus nomes, trabalhando vogais e consoantes, silabação, tipologia textual (poesia e texto bíblico); em Ciências, além dos animais, seus hábitos e habitat, temas como as plantas frutíferas, alimentação, frutas e sementes foram abordados.
- ✓ Os primeiros habitantes: foi explorada a questão do tempo, dos indígenas, dos primeiros habitantes até os dias atuais.
- ✓ Dos itens *As origens da Pecuária e A Estrada de Ferro Noroeste do Brasil* foram utilizadas as imagens para trabalhar os meios de transporte e as moradias do passado, acrescentando os dados do presente. As questões históricas que, devido à complexidade exigiam maior aprofundamento teórico, foram tratadas de forma superficial, respeitando o nível de desenvolvimento das crianças, na faixa etária de sete anos.
- ✓ No penúltimo item – *O cotidiano, o lazer e as festas* – foram discutidas formas de trabalho e de lazer que o rio possibilita. Os povos ribeirinhos e outros conteúdos propostos no Referencial Curricular da REME foram trabalhados a partir das imagens exibidas neste item. As imagens de festas populares, os textos e as músicas foram aproveitados de diversas formas, uma vez que as artes plásticas e a música regional contam a história da ocupação no sul de Mato Grosso.

- ✓ O último item foi o que mais causou comoção. Em parte, devido às queimadas que ocorreram no Pantanal em 2020 que foram amplamente divulgadas nas redes de TV e demais mídias. Os diálogos foram longos sobre queimadas, derrubada das árvores, caça e comércio ilegal, principalmente de passarinhos (aves em geral, mas para as crianças, eram todos passarinhos).
- ✓ Os professores de Artes, aproveitaram especialmente as imagens e as músicas.

Enfim, muitas são as formas de se aproveitar os documentários. Este, no qual trabalhamos, foi utilizado também pelos professores do 3º, do 5º, do 7º e do 8º ano.

Buscar as possibilidades de ensino a partir das práticas culturais é buscar um ensino mais prazeroso, significativo; é permitir que, na escola, todos possam “se extasiar com a música clássica, com as obras de artes plásticas, com a dança, com o teatro e demais práticas culturais” (ALVES, 2019, p. 10). Para Saviani (2021, p. 14), além de propiciar o acesso aos rudimentos do saber, “a escola existe para propiciar a aquisição dos instrumentos que possibilitam o acesso ao saber elaborado (ciência).” Para tanto, continua ele, as atividades devem organizar-se a partir dessa questão, ou seja, a partir da difusão do saber sistematizado, produzido pela humanidade e, ao qual, todos devem ter direito de acesso. Nesse sentido caminhou a pesquisa que tomou as práticas culturais como fundamento para o acesso ao saber mais elaborado que não está presente nos manuais didáticos.

Conforme Carvalho (2005, p. 14), a escola pode contribuir muito apresentando às crianças, desde a alfabetização, “uma ampla variedade de textos [favorecendo] um mergulho no mundo da escrita com a exploração de mil e uma possibilidades.” Algumas dessas possibilidades foram exploradas nas aulas de Artes, utilizando, por exemplo, um vídeo sobre uma obra recente de Jonir Figueiredo: *SOS Pássaros para o Pantanal* (FIGUEIREDO, 2021). Este e outros vídeos foram apresentados para debate, para ensinar técnicas de desenho, produção coletiva oral ou escrita. Cada contexto trazia novas possibilidades de trabalhos com nomes, sentidos e significados das palavras, as letras e as sílabas, a leitura e atividades envolvendo História, Geografia, Matemática e Ciências.

A preparação das aulas ganhou um novo ritmo de estudo com o desenvolvimento da pesquisa, as necessidades de uma adaptação com as restrições sociais da pandemia, com o ritmo formativo de estudo que a proposta de trabalhar com as práticas culturais trouxe, exigiu inovação para o planejar. Consideramos que “o ato de planejar parte sempre das necessidades e urgências que surgem a partir de uma sondagem” (MENEGOLLA; SANT’ANNA, 1993).

Para avaliar o trabalho, foram observados o grau de interesse, participação, interação das crianças na realização das atividades cotidianas. Devido à pandemia, as tarefas de casa, anterior à aplicação do projeto, vinham incompletas, quando não, sem fazer. Trabalhar com as práticas culturais despertou o interesse das crianças cujas tarefas de casa passaram a ser realizadas com gosto, gerando prazer em apresentá-las aos colegas.

O videoclipe da música *Pássaro Branco* do Grupo Acaba foi assistido, a letra analisada, explorando escrita das palavras. Nas disciplinas de História e Geografia, a história do grupo e de seus integrantes foi

explorada abordando os temas família e origem cultural. Na sequência, foi apresentado um vídeo sobre comunidades quilombola e ribeirinha próximos da cidade, identificando com a história familiar das crianças.

Em um trabalho interdisciplinar, as turmas do 2º ano vivenciaram as práticas culturais em todas as aulas, com diferentes professores. Nas aulas de Educação Física foram trabalhadas as músicas e ritmos, com coreografia inspirada nos movimentos dos animais do pantanal. Nas aulas de Arte foram exploradas as obras do artista plástico Jonir Figueiredo. Estas obras também foram o alicerce para as aulas de Língua Portuguesa e Ciências que explorou a classe dos animais, os animais pantaneiros, identificando os aquáticos e os terrestres, os silvestres e os domésticos (Figura 6):

Figura 6: Obras selecionadas representativas das classes dos animais



Fonte: Acervo de Maria Angélica Cardoso.

As atividades sobre a cultura pantaneira levaram a turma a conhecer Manoel de Barros, sua biografia, poesias e a versão musicada de suas poesias. Estas atividades foram parte do estágio obrigatório de uma acadêmica do curso de Pedagogia cuja proposta, seguindo o caminho das práticas culturais, trabalhou a poesia *Água na Peneira*.

Para Mendonça e Santos (2021, p. 2) “o processo de formação dos conceitos científicos inicia-se por meio da união entre linguagem e pensamento que tem como consequência a expressão do conceito por meio da palavra.” Assim, torna-se importante que o processo de alfabetização parta de um todo – uma poesia, um conto, uma obra de arte, uma peça de artesanato, de teatro, uma música – pois permite que a análise da palavra ocorra dentro de um contexto significativo, buscando não apenas seus sons (fonemas) ou sua forma (grafema), mas também sua significação, seus conceitos.

A partir do interesse gerado pelo tema animais, investiu-se em novas atividades utilizando o livro *Pantanimais* (AZEVEDO, 2015). Foram exploradas atividades sobre a tipologia textual poema, leitura e escrita com as palavras do texto, cruzadinhas e caça-palavras (figura 7).

Figura 7: Leitura, caça-palavras e cruzadinha a partir do livro *Pantanimais* (Azevedo, 2015).

Alexandre Azevedo

Pantanimais

Agora você vai conhecer Um lugar muito especial... Um lugar cheio de vida, Que se chama Pantanal!

Prepare-se para encontrar Um mundo cheio de cores... São peixes, aves e bichos. São plantas, árvores e flores!

Em uma parte do ano É seca de ponta a ponta... Mas na outra parte, A água é que toma conta!

Foi assim que o Pantanal, Cenário dessa biodiversidade, Ganhou o título da Unesco de Patrimônio Natural da Humanidade!

Foto: <https://www.panorama.com.br/album/animais-do-pantanal/>

CAÇA - PALAVRAS DO PANTANAL

T	U	C	A	N	U	Ç	U	S	Y	E	T
P	A	N	T	A	N	A	L	Z	D	F	U
C	D	I	P	E	C	Z	O	A	I	M	T
A	H	K	E	A	D	B	N	S	R	J	U
M	L	U	P	Z	S	E	Ç	M	J	Y	I
A	G	U	A	P	E	E	A	D	A	S	U
L	O	N	T	R	A	O	P	A	C	U	X
O	C	W	O	T	J	U	I	P	A	C	C
T	X	B	O	J	M	G	N	I	R	U	E
E	S	S	U	Z	C	M	T	Ç	E	R	R
Z	C	M	R	B	S	D	A	O	E	I	A
S	J	D	A	K	N	J	D	F	R	Z	D
D	A	C	D	Z	B	P	A	C	U	C	B
N	Y	Ç	O	Z	N	F	A	F	Z	U	O
T	K	P	A	N	T	A	N	E	I	R	O

ENCONTRE AS PALAVRAS:

PANTANAL	TUIUIÚ	PACU
AGUAPÉ	LONTRA	IPÊ
JACARÉ	PANTANEIRO	CAMALOTE
DOURADO	SUCURI	ONÇA

CRUZADINHA DE PALAVRAS: PANTANAL

ESCREVA O NOME DOS ANIMAIS E SEPARE AS SILABAS:

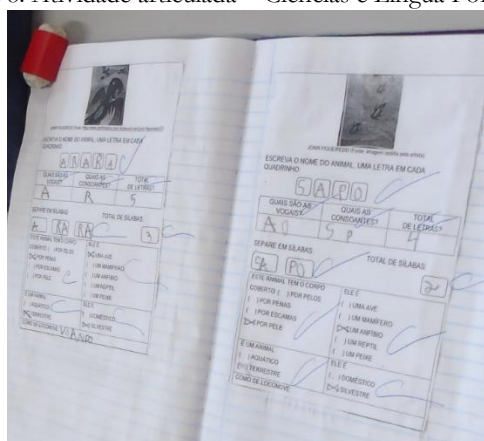
NOME DO ANIMAL:	SILABAS:
1) _____	_____
2) _____	_____
3) _____	_____
4) _____	_____
5) _____	_____

Fonte: Acervo de Viviane G. Barbosa de Campos.

Em Matemática, a turma construiu um gráfico a partir da votação no animal do pantanal preferido pelas crianças e analisaram o resultado. Um jogo da memória foi confeccionado na aula de Ciências, além de imitarem os animais, dentre outros jogos e brincadeiras que auxiliaram no processo de ensino e aprendizagem foram explorados. Para Rolim, Guerra e Tassigny (2008, p. 177), “brincar é aprender; na brincadeira, reside a base daquilo que, mais tarde, permitirá à criança aprendizagens mais elaboradas. O lúdico torna-se, assim, uma proposta educacional para o enfrentamento das dificuldades no processo ensino-aprendizagem.”

As obras dos artistas plásticos foram bastante exploradas. Devido à pandemia, não foi possível irmos a uma galeria, então falamos dos artistas sul-mato-grossenses e suas obras por meio de vídeos e documentários. Em Artes, as crianças se dedicaram a conhecer a vida do artista, estudar suas obras e aprender algumas técnicas de desenho. Atividades articuladas abordavam tanto a disciplina Língua Portuguesa quanto Ciências (figura 8):

Figura 8: Atividade articulada – Ciências e Língua Portuguesa



Fonte: Acervo de Viviane G. Barbosa de Campos.

Em Educação Física o foco foi na coordenação psicomotora, buscando estimular a consciência corporal, o respeito às regras e o trabalho em equipe por meio de atividades lúdicas. Em Geografia, os habitats – terrestre e aquático; em História, o lugar de cada um, incluindo os seres humanos; em Matemática, foram trabalhadas probabilidades; formas geométricas que também foram utilizadas para compor animais

do pantanal; operações matemáticas; e um gráfico elaborado a partir da votação nos seis animais constantes nas obras de Jonir Figueiredo.

Figura 9: Gráfico: Animais do Pantanal.



Fonte: Acervo de Viviane G. Barbosa de Campos.

Em Língua Portuguesa, descrição dos animais oral e escrita (produção coletiva de texto), letras, sílabas e frases. As palavras foram trabalhadas de forma contextualizada em suas duas faces: o significado e o significante (forma), pois, “em geral, é o significado que se impõe ao ouvinte, na comunicação da vida cotidiana. No entanto, para aprender a ler e a escrever, é preciso estar atento também para a forma, para o aspecto sonoro das palavras, visto que na escrita os sons é que são representados por letras” (CARVALHO, 2005, p. 30). Nesse sentido, as crianças fizeram uma “análise” do que a palavra representa: o que é uma arara; as araras em Campo Grande; o barulho que fazem; as araras nos ninhos que podem ser vistos nas palmeiras em alguns pontos da cidade; as cores.

Finalizando, cabe ressaltar que nós, professores, devemos estar atentos à importância de utilizarmos técnicas e recursos didáticos interessantes para mediar a relação educativa – educador, educando, conhecimentos – e promover a reorganização do espaço físico possibilitando trabalhos em equipe, em dupla, seja na sala de aula, no pátio da escola, na quadra ou outro espaço. E temos evidenciado que a utilização de práticas culturais diversas se mostram promissoras neste árduo, mas gratificante, exercício do magistério.

Considerações Finais

Como a observação de aves impacta a organização do trabalho didático?

Começando pelo espaço físico. A sala de aula continuou a ser usada normalmente, mas ganhou recursos didáticos voltados para a prática cultural abordada, ou seja, os recursos didáticos foram pensados e elaborados, neste caso, a partir da observação de aves, da música e da dança vivenciadas pelas crianças. Essa vivência as levou para além das paredes da escola. A praça se tornou espaço de aprendizagem ativa, divertida e significativa. A aula de Educação Física veio para dentro da sala de aula, a de Geografia foi para a quadra. A roda de leitura ocorreu tanto na sala de aula quanto na biblioteca e embaixo de uma árvore.

Na sala, vídeos, cartazes, jogos e brincadeiras, dobraduras, desenhos, modelagem, recorte e colagem faziam lembrar as aves, a música, a dança, as pinturas, o artesanato, as histórias e poesias. É difícil separar os três aspectos da organização do trabalho didático; são intrínsecos, articulados. Os recursos didáticos vão se moldando ao espaço físico e mediando o conhecimento a ser transmitido. A relação educativa, a partir das práticas culturais, assumiu uma postura aberta, professores e alunos dialogaram mais entre eles e entre seus pares.

Língua Portuguesa, Matemática, História, Geografia, Artes, Ciências e Educação Física foram pensadas a partir de uma prática cultural que abordou os conhecimentos e as habilidades propostas pelo Referencial Curricular da REME. O planejamento foi realizado de forma coletiva.

Os recursos didáticos precisaram ser pensados em referência à prática cultural fundante, tornando as atividades mais prazerosas e significativas. Considerando que a cultura diz respeito a tudo que o ser humano produz e que ela se manifesta por meio de práticas culturais, há que se dizer que essas práticas não só podem, como devem, ser revistas e revisitadas sempre, conforme o contexto no qual se aplica, bem como conforme vai ocorrendo o desenvolvimento da sociedade na qual vivemos.

Os impactos se fizeram visíveis na relação educativa, tornando-a mais democrática; o espaço físico extrapolou a sala de aula e os recursos didáticos – atividades diversas, jogos, brincadeiras, vídeos, música, dentre outros – foram pensados para atender a uma vivência e aprendizagem significativas. Esses impactos das práticas culturais são positivos, mas revelaram dois grandes fatores que podem dificultar sua execução. O primeiro deles, a necessidade de elaboração de recursos didáticos, uma vez que os manuais didáticos não atendem às especificidades postas pela organização a partir de práticas culturais. O segundo, a necessidade de o planejamento ocorrer de forma coletiva, fator que atualmente, na rede municipal de Campo Grande, MS, ocorre de forma isolada, cada professor faz o seu, com o apoio das coordenadoras. No caso desta pesquisa, o planejamento coletivo só foi possível devido ao fato de estarmos saindo da pandemia (2022), cujo horário de aulas era de três horas/diárias para as crianças quatro horas/aula para os docentes, conforme exposto na introdução. Contudo são limites superáveis, embora não seja fácil. Mas, como ouvimos em uma conferência: “ser professor não é uma coisa fácil, mas de forma alguma pode-se considerar difícil.”

A premissa de que nas práticas culturais estão o cerne para uma nova proposta de organização do trabalho didático procede, todavia são considerações em andamento. A pesquisa precisa continuar. Por exemplo, um aluno autista participou da observação, manuseou o binóculo, caminhou na praça, observou, imitou alguns pássaros e interagiu com as outras crianças. Não ficou tanto tempo quanto as outras crianças

porque se cansou e quis voltar para a sala. Na turma do 2º ano houve um caso similar. Caberia uma pesquisa buscando os impactos das práticas culturais no processo de ensino e de aprendizagem destas crianças?

O ensino poderia ser significativo, prazeroso e eficiente sem a presença das práticas culturais? Soares (2020b) afirma que as crianças não estão aprendendo como deveriam, principalmente nas escolas públicas, o que torna seus caminhos limitados. Dentre outros motivos está a vulgarização do conhecimento difundido pelos manuais didáticos, conforme alerta Alves (2019). E mais, a riqueza do patrimônio cultural é negado aos operários e seus filhos, inclusive dentro das escolas (ALVES, 2019).

Se as crianças não estão aprendendo como deveriam, se os manuais didáticos vulgarizam o conhecimento e a riqueza cultural é negada aos operários e seus filhos é chegada a hora de inserir na escola pública, o conhecimento que seja significativo, é preciso garantir um ensino da melhor qualidade possível nas condições históricas atuais (SAVIANI, 1983).

Acreditamos que nas práticas culturais estão as possibilidades que começaram a se abrir, buscando nas singularidades dessas práticas, o universal nelas contido. A observação de aves, no 1º ano e a música, a dança, as artes plásticas e a literatura, no 2º ano, por exemplo, levou à exploração de palavras, textos e contextos que revelam o movimento da sociedade, o conhecimento nela produzido e aguçou a curiosidade e o interesse das crianças. Nas turmas do 3º, 4º e 5º ano, outras práticas culturais foram exploradas, levando também a palavras, textos e contextos de aprendizagem e conhecimento de forma significativa, interessante e criativa. Mas, como já foi dito, a pesquisa continua!

As práticas culturais são apontadas como o caminho por Pullman (2015) ao afirmar que as crianças precisam de arte, histórias, poemas e música tanto quanto precisam de amor, comida, ar puro e brincar, ou seja, precisam de cultura como precisam de alimentos. A Sociedade Brasileira de Pediatria (2019) considera o brincar e o aprender com a e na natureza como “elementos centrais de uma educação vinculada com a própria vida”. E Alves (2019) afirma que ninguém pode ser excluído “da possibilidade de se extasiar com a música clássica, com as obras de artes plásticas, com a dança, com o teatro e demais práticas culturais que remetem a todos os períodos da história.”

Referências

ALVES, G. L. **A Produção da Escola Pública Contemporânea**. Campo Grande, MS: Ed. UFMS; Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

ALVES, G. L. **Mato Grosso do Sul: o universal e o singular**. Campo Grande, MS: Ed. UNIDERP, 2003.

ALVES, G. L. **O Trabalho Didático na Escola Moderna: formas históricas**. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

ALVES, G. L. Organização do Trabalho Didático: a questão conceitual. **Revista Acta Scientiarum Education**. v. 34, n° 2, p. 169-178, 2012. Disponível em <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciEduc/article/view/17180/pdf> Acesso em 15 de dez. 2020.

ALVES, G. L. Cultura: Crítica aos Usos e Significados do Termo. **Instituto Cultural Gilberto Luiz Alves**, 2019. Disponível em <https://icgilbertoluizalves.com.br/imagens/textocientificopdf/alves-gilberto-luiz-cultura-cr-tica-aos-usos-e-significados-do-termo260315.pdf> Acesso em 18 de nov. 2020.

ALVES, G. L.; FONSECA, C. A. Águas que Educam: o pantanal e sua história na pintura sul-mato-grossense. **Instituto Cultural Gilberto Luiz Alves**, 2016. Disponível em <https://icgilbertoluizalves.com.br/documentario/aguas-que-educam-o-pantanal-e-sua-historia-na-pintura-sul-mato-grossense-2> Acesso em 30 de novembro de 2020.

AZEVEDO, A. **Pantanimais**. Cuiabá, MT: Entrelinhas, 2015.

BENITES, M.; MAMEDE, S.; CARDOSO, M. A.; VARGAS, I. A. DE. Observação de aves e da biodiversidade durante a pandemia pelo SARS-COV-2: uma resignificação? **Revista Brasileira de Educação Ambiental (RevBEA)**, v. 15, n. 4, p. 589-609, 6 ago. 2020. Disponível em <https://periodicos.unifesp.br/index.php/revbea/article/view/10867>

CAMPO, GRANDE. **Referencial Curricular para o Ensino Fundamental REME**. Linguagens, v. 4 Educação Física. Campo Grande, MS: SEMED. 2020a Disponível em <https://gefem-emed.blogspot.com/p/referencial-curricular-da-reme-2020.html> Acesso em 15 de jun.2020

CARDOSO, M. A.; ALVES, G. L.; MATIAS, R. Águas que educam: as práticas culturais na organização do trabalho didático. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, SP, v. 23, n. 00, p. e023020, 2023. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8670683>. Acesso em: 21 mai. 2024.

CARVALHO, M. Guia prático do alfabetizador. 5 ed. São Paulo: Ática, 2005.

COELHO, I. T. **Pedagogia Histórico-Crítica e Alfabetização**: elementos para uma perspectiva histórico-crítica do ensino da leitura e da escrita. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Araraquara, 2016, 117f.

DE CAMILLO, M. Um bem-te-vi – **Crianceiras**. You Tube, 31 de out. 2011. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=54nYRif0lg8> Acesso em: 08 ago. 2021.

FIGUEIREDO, J. **Pássaros pró Pantanal**. Fundação de Cultura de MS; You Tube, 10 de set. de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NEfdhx6NUT4&t=664s> Acesso em: 08 out. 2021.

FRANCO, A. F., MARTINS, L. M. **Palavra escrita**: vida registrada em letras a alfabetização para além da Política Nacional de Alfabetização (PNA). [recurso digital] Goiânia-GO: Editora Phillos Academy, 2021.

GRUPO ACABA. **Pássaro Branco (vídeo clip Oficial)**. You Tube, 10 de nov. 2010. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=rJFqT5QTpe4> Acesso em: 08 ago. 2021.

LUKACS, G. **Velha e Nova Cultura**. Transcrição: Biblioteca Virtual Revolucionária, Arquivo Marxista na Internet, 2005. Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/lukacs/1920/mes/cultura.htm> Acesso em 02 de junho de 2021

MAMEDE, S., BENITES, M., ALHO, C. J. R. Ciência cidadã e sua contribuição na proteção e conservação da biodiversidade na reserva da biosfera do Pantanal. **Revista Brasileira de Educação Ambiental**, 12(4), p. 153-164. 2017.

MAMEDE, S. B.; BENITES, M.; MAGNUSSEN M. A **Observação de Aves no Mato Grosso do Sul**: interface com o ecoturismo e os destinos inteligentes e criativos. In MAMEDE, S. B.; MARTINS, P. C. S. (org.). Multidimensionalidade do turismo no Mato Grosso do Sul. 1. ed. Dourados, MS: Editora UEMS, 2022.

MARX, K., ENGELS, F. **Textos sobre Educação e Ensino**. São Paulo, SP: Editora Moraes, 1983.

MENDONÇA, F. W.; SANTOS, M. E. A Formação de Conceitos Científicos e o Processo de Ensino-Aprendizagem nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. **Contradição – Revista Interdisciplinar de Ciências Humanas e Sociais**, Paranavaí, PR, v. 2, n. 1, 2021. Disponível em <https://revista.unifatecie.edu.br/index.php/revcontrad/article/view/18/22> Acesso em 13 set. 2023.

MENEGOLLA, M.; SANT’ANNA, I. M. **Por que Planejar? Como Planejar?** 2ed. Petrópolis: Vozes, 1993.

PESSOA, A. C. G. S. Sequência Didática. In: FRADE, I. C. A.S.; VAL, M. G. C.; BREGUNCI, M. G. C. **Glossário CEALE: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores**. Belo Horizonte: Faculdade de Educação /UFMG, 2014.

PULLMAN, P. As crianças precisam de arte, histórias, poemas e música tanto quanto precisam de amor, comida, ar puro e brincar. **Blog Astrid Lindgren Memorial Award**, Estocolmo, Suécia, 17 de dezembro de 2015. Disponível em <https://astridlindgrenmemorialaward.wordpress.com/2015/12/17/children-need-art-and-stories-and-poems-and-music-as-much-as-they-need-love-and-food-and-fresh-air-and-play/> Acesso em 08 de janeiro de 2021

ROLIM, A. A. M.; GUERRA, S. S. F.; TASSIGNY, M. M. Uma leitura de Vygotsky sobre o brincar na aprendizagem e no desenvolvimento infantil. **Revista Humanidades**, Fortaleza, v. 23, n. 2, p. 176-180, jul./dez. 2008. Disponível em http://brincarbrincando.pbworks.com/f/brincar%2B_vygotsky.pdf. Acesso em 28 mai.2021.

ROCHA, R. **Mil Pássaros pelo Céu**. São Paulo: Ática, s/d

SÁ, L. R.; HOFF, S. **Filosofia da Educação**. Campo Grande, MS: CED/UFMS, 2002.

SAVIANI, D. **Educação: do senso comum à consciência filosófica**. São Paulo: Cortez Autores Associados, 1980.

SAVIANI, D. **Escola e Democracia**. São Paulo: Cortez Autores Associados, 1983.

SAVIANI, D. **Pedagogia Histórico-Crítica: primeiras aproximações**. Campinas, SP: Autores Associados, 2021.

SBP -SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA. Grupo de Trabalho Saúde e Natureza. **Manual de Orientação Benefícios da Natureza no Desenvolvimento de Crianças e Adolescentes**. SBP, 2019. Disponível em:https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/manual_orientacao_sbp_cen.pdf Acesso em 02 mar 2020.

VIGOTSKY, L. S. **A Construção do Pensamento e da Linguagem**. 2 ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2009.

Notas

¹ Maria Angélica Cardoso. Doutora em História da Educação, pós-doutoramento em Práticas Culturais e Organização do Trabalho Didático; Faculdade de Educação/Universidade Federal de Mato Grosso do Sul; Vinculada aos Grupos de Pesquisa Sociedade História e Educação - GEPSE/HISTEDBR-MS (UEMS/UFMS), NAGE Núcleo de Aprofundamento em Gestão Escolar (UFMS), Grupo de Estudos e Pesquisas em Alfabetização e Letramento (UFMS) e Cultura, Educação e Ambiente – CEDAM (UNIDERP-Anhanguera/UEMS/UFMS); CV: <http://lattes.cnpq.br/9177117914227721>; <https://orcid.org/0000-0002-3116-8960>; maria.cardoso@ufms.br

² Viviane Gregório Barbosa de Campos; Pedagoga, professora efetiva na Escola Pe José Valentim, mestranda no PPGEd/UFMS; SEMED/Campo Grande; Vinculada aos Grupos de Pesquisa Sociedade História e Educação - GEPSE/HISTEDBR-MS (UEMS/UFMS), NAGE Núcleo de Aprofundamento em Gestão Escolar (UFMS), Grupo de Estudos e Pesquisas em Alfabetização e Letramento (UFMS) e Cultura, Educação e Ambiente – CEDAM (UNIDERP-Anhanguera/UEMS/UFMS); CV: <http://lattes.cnpq.br/2358985924449174>; <https://orcid.org/0000-0002-7950-5057>; vivigbcampos@gmail.com

Recebido em: 29 de jul. 2024
Aprovado em: 23 de ago. 2024